

CRISE NO "OPEN"

14 OUT 1988

# Alta dos juros irrita Sarney e alimenta boatos em Brasília

por Cláudio Kuck  
de Brasília

A capital viveu ontem um dia muito especial, em que a já costumeira onda de boatos que varre Brasília nas quintas-feiras, incentivada pelos especuladores do mercado financeiro, foi alimentada por um fato real: a elevação das taxas do overnight para 50%, que caiu como um raio sobre os juros e a bolsa de valores. O presidente Sarney, que já estava tenso com o cancelamento de sua viagem a São Paulo, ontem, recebeu um telefonema aflito do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega às 9 horas, informando da decisão do diretor da Dívida Pública, Juarez Soares, e suas desastrosas consequências no mercado.

Sarney que estava no Palácio da Alvorada, determinou a apuração urgente da medida e suas repercussões. Na quarta-feira à noite, o presidente já decidira cancelar a ida a São Paulo, para inaugurar o Salão do Automóvel. A justificativa inicial era de que teria de despachar muitos processos e projetos, mas o fator que pesou mesmo na decisão foi o teor do discurso que o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), André Beer, faria na inauguração. Beer foi informado da decisão às 22 horas, pelo ministro Ronaldo Costa Couto.

"Isso é grosseiro e agressivo com a Constituição que jurei cumprir e defender", foi o desabafo inicial de Sarney, segundo seus assessores. Ele designou então o ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves, para substituí-lo na solenidade e no Boeing 737 presidencial, já preparado para partir às 7 horas de ontem.

Livre de compromissos oficiais, o presidente acor-

dou cedo, fez seus exercícios matinais e tomou café da manhã apenas com familiares. Deflagrada a crise com o telefonema de Mailson, os boatos começaram a chegar ao Alvorada. Sarney ainda recebeu o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, e o ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares.

Enquanto almoçava no Palácio com a mulher, o filho Fernando e a mãe, dona Kiola, chegou o ministro Ronaldo Costa Couto, com os mais recentes boatos do dia, dona Kiola "tinha morrido": "Isso é uma indignidade", reagiu Sarney. Mailson ligava novamente, centrando a responsabilidade da elevação das taxas de juro em Juarez Soares, propondo sua demissão. O presidente concordou imediatamente e mandou redigir o ato de exoneração.

Em meio à confusão, com os telefones do Alvorada não parando de tocar, perguntando se era verdade que Mailson da Nóbrega tinha sido demitido conforme informara uma rádio paulista, Sarney despachava uma pilha de processos com mais de meio metro de altura, trazida por Costa Couto, já que ele ficará ausente do País dez dias. Chegaram também o ministro Prisco Viana, o consultor geral da República, Saulo Ramos, além dos governadores Epitácio Cafeteira, do Maranhão, e Orestes Quêrcia, de São Paulo.

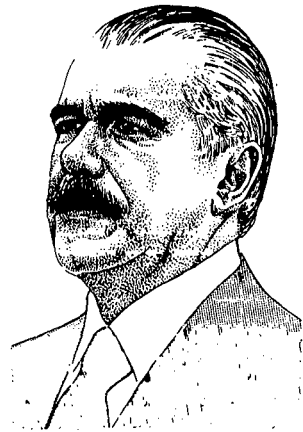
No Planalto os boatos também se cruzaram, enquanto o porta-voz, Carlos Henrique Santos, desapareceu, surgindo a versão de que ele pedira demissão e que a viagem presidencial a Moscou havia sido cancelada. No Congresso e na Esplanada dos Ministérios os boatos também eram desencontrados, com muitos parlamentares ligando para o Alvorada. Para au-

mentar a angústia do presidente Sarney, o Palácio recebeu informações que militantes ecológicos franceses preparavam grande manifestação contra o Brasil, quando da visita de Sarney ao presidente François Mitterrand.

Os jornalistas de plantão nos portões do Alvorada viam um quadro patético, comentando que o governo estava à deriva, enquanto multiplicavam-se as "informações" sobre um novo choque econômico-financeiro. Só quando Carlos Henrique apareceu e depois o governador Orestes Quêrcia gravou "em off" para dezenas de jornalistas a explicação do cancelamento da ida de Sarney a São Paulo é que o ambiente se descontraiu um pouco.

O porta-voz continuava no posto, só se tinha refugiado em um gabinete devido a grande tensão, que superou com alguns comprimidos de aspirina. Às 18h45, Sarney chegava à Embaixada da Venezuela, onde participou do lançamento dos poemas "Os espaços cálidos", de Vicente Gerbasi, pai do embaixador venezuelano. Ele não quis falar à imprensa, sendo que uma possível entrevista coletiva que daria antes da viagem à URSS também foi descartada, "pela tensão dos acontecimentos", explicou um assessor.

O presidente ficou uma hora na embaixada com os ministros Abreu Sodré e Antônio Carlos Magalhães, a quem procurou na saída ao entrar no carro, pedindo que ele fosse imediatamente ao Alvorada. Lá, ainda estudou longamente, antes de gravar, o texto de seu pronunciamento de hoje no programa "Conversa ao Pé do Rádio", além de estudar um trabalho sobre a União Soviética, suas relações com o Brasil e a "pe-



José Sarney

restroika", preparado pelo jornalista Franklin de Oliveira.

As últimas conversas da noite o presidente teve primeiro com os ministros Antônio Carlos Magalhães e José Reinaldo Tavares, discutindo a estratégia política do governo em sua ausência. Finalmente, reuniu-se longamente com os ministros da área econômica, Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu, para discutir a inflação e a crise criada pelo já ex-diretor da Dívida Pública. O porta-voz Carlos Henrique Santos, perguntado sobre se o presidente do Banco Central (BC), Elmo Camões, não seria demitido, respondeu: "Aí também é querer radicalizar demais o episódio".

Na gravação do "Conversa ao pé do rádio", Sarney não menciona a crise de ontem, limitando-se a falar de ecologia, a elogiar o Banco do Brasil e seus 180 anos, além de sua viagem a Moscou. A certa altura, o presidente diz, respondendo a notícias publicadas na imprensa de que se hospedaria no sofisticado e caro hotel Crillon, em Paris, que vai ficar mesmo na embaixada brasileira, enquanto "em Moscou estarei hospedado no Kremlin".